

O jornalismo na construção e ressignificação da memória: uma análise a partir do Prêmio Gabo (2023) da Fundação Gabriel García Márquez¹

Journalism in the construction and re-signification of memory: an analysis of the Gabriel García Márquez Foundation's Gabo Prize (2023)

Erika HERNÁNDEZ²

André BONSANTO³

Universidade Federal de Goiás | Brasil

Resumo

Este artigo analisa como o jornalismo contribui para a construção e ressignificação da memória individual e coletiva, tendo como foco o Prêmio Gabo (2023) concedido pela Fundação Gabriel García Márquez, na Colômbia. Como forma de incentivar e financiar o jornalismo ibero-americano, a Fundação Gabo, através de seus prêmios, se mostra um objeto interessante para pensar como memória e jornalismo se constituem de maneira intrínseca. Neste sentido, analisamos como as matérias vencedoras do Prêmio Gabo (2023) evidenciam narrativas históricas que potencializam a ressignificação de acontecimentos negligenciados e/ou silenciados da história latino e ibero americana, construindo uma memória que é (também) ressignificada a partir de seus relatos.

Palavras-chave

Jornalismo; Memória; História; Fundação Gabriel García Márquez; Prêmio Gabo.

Abstract

This article analyzes how journalism contributes to the construction and re-signification of individual and collective memory, focusing on the Gabo Prize (2023) awarded by the Gabriel García Márquez Foundation in Colombia. As a way of honoring Ibero-American journalism, the Gabo Foundation, through its awards, is an interesting object for thinking about how memory and journalism are intrinsically constituted. In this sense, we analyze how the winning articles of the Gabo Prize (2023) highlight historical narratives that enhance the re-signification of neglected and/or silenced events in Latin and Ibero-American history, building a memory that is (also) re-signified from their accounts.

Keywords

Journalism; Memory; History; Gabriel García Márquez Foundation; Gabo Prize.

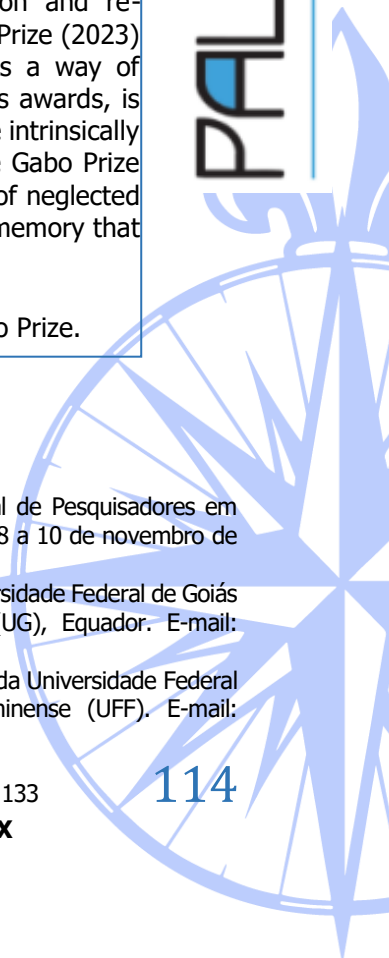
RECEBIDO EM 18 DE JUNHO DE 2024

ACEITO EM 05 DE JULHO DE 2024

¹ Uma versão preliminar deste texto foi apresentado no 21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR), realizado na Universidade de Brasília (UnB), entre os dias 8 a 10 de novembro de 2023.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação-PPGCOM da Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduada em Comunicação Social pela Universidade de Guayaquil (UG), Equador. E-mail: erikahernandezlozano19@gmail.com

³ Professor Visitante no Programa de Pós-Graduação em Comunicação-PPGCOM da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Comunicação Pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: andrebonsanto@gmail.com



Introdução

Ebastante antiga a conexão que pode ser estabelecida entre jornalismo e memória. Com a invenção da imprensa, seguida pelo aparecimento dos primeiros jornais – e a importância de sua materialidade “escrita” – o jornalismo passou a ser visto como um agente protagonista na captura dos momentos contemporâneos, bem como no registro dos eventos históricos (Zelizer, 2014, p. 36).

Ainda que as mídias jornalísticas não ocupassem o centro das atenções nas discussões sobre memória, não demorou muito para que diferentes pesquisadores reconhecessem sua importância como construtores de memórias individuais e coletivas (Zelizer; Tenenboim-Weinblatt, 2014). A partir desses estudos, ficou evidente que o jornalismo não deve ser pensado como um mero registrador dos eventos cotidianos, mas também formador ativo das memórias que os constituem (Olick, 2014).

O jornalismo realiza assim, constantemente, uma atividade mnemônica e os profissionais da informação, no decorrer de seu trabalho, fazem uma seleção de memórias, lembrando/selecionando fatos para apresentar suas versões da realidade do passado ao público (Barbosa, 2004). O jornalismo também pode servir como um repositório do passado, de registros que são tomados como histórias. As reportagens que os jornalistas escrevem servirão, em alguns casos, como fontes históricas, que poderão formar o entendimento do público sobre determinados eventos no futuro (Ribeiro, 2000).

Nesse sentido, o presente artigo tem o objetivo de explorar esta intrínseca relação entre jornalismo e memória. Primeiramente, será feita uma revisão da literatura para explorar essa conexão e examinar o papel essencial desempenhado pelo jornalismo na construção e ressignificação da memória em nossa sociedade. Em seguida, será feita uma análise de três

Erika **HERNÁNDEZ** · André **BONSANTO**

reportagens (duas vencedoras e uma finalista) do Prêmio Gabo 2023, concedido pela Fundação Gabriel García Márquez (Gabo) da Colômbia⁴. O Prêmio Gabo é um reconhecido incentivador do jornalismo ibero-americano, destacando matérias que, em seus mais diversos formatos, nos permitem pensar aspectos referentes à utilização da memória nos relatos noticiosos. Ao trazer esse objeto de estudo para as reflexões propostas, o artigo tem como objetivo problematizar o papel exercido pelo jornalismo como um instrumento de construção e ressignificação de memórias e, portanto, como agente responsável pela compreensão daquilo que se configura como o passado (e o presente) de determinada coletividade.

Entre a memória individual e coletiva: reflexões preliminares

Henri Bergson (2006), filósofo francês dos séculos XIX e XX, nos trouxe contribuições significativas sobre a memória. Em seu livro “Memória e Vida”, defendeu que a memória não é uma faculdade que classifica as recordações de forma estanque, como mero armazenamento, mas uma acumulação do passado sobre o passado, que influencia continuamente o presente, já que ele (o passado) nos “segue” a todo instante. No entanto, Bergson (2006), ao longo da sua obra, considerou a memória como inerentemente individual, identificando duas formas de sobrevivência do passado na memória: como memória corporal, que envolve recordações através de experiências sensorio-motoras, e como memória pura, que consiste em imagens gravadas no passado. Acrescentou ainda que estas “memórias pessoais” são fugazes e

⁴ Informações adicionais sobre o Prêmio Gabo 2023 e a relação das matérias vencedoras podem ser consultadas em: <https://premioggm.org/>. Acesso em: 20 de mar. de 2024.

O jornalismo na construção e ressignificação da memória: uma análise a partir do Prêmio Gabo (2023) da Fundação Gabriel García Márquez
podem surgir sem razão aparente, mas que são importantes porque formam a trajetória da “nossa existência passada” (Bergson, 2006, p. 120).

Por sua vez, o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990) reinterpretou o conceito de memória de Bergson. Halbwachs (1990) defendeu que a memória não pode ser exclusivamente individual, uma vez que é construída no contexto dos grupos sociais a que os indivíduos pertencem, como a família, os amigos, as comunidades e os grupos sociais. Ele afirmava que a memória individual é o resultado da convergência de várias influências sociais, que se articulam de forma particular de acordo com as nossas experiências (Halbwachs, 1990).

Halbwachs (1990) também é conhecido por ter introduzido o termo “memória coletiva” e apontado que, analogicamente, a memória coletiva “propriamente dita, é o trabalho realizado por um determinado grupo social, articulando e localizando lembranças” (Schmidt; Mahfoud, 1993, p. 291). O resultado desse trabalho é um acúmulo de lembranças compartilhadas, que formam o conteúdo de toda e qualquer memória coletiva.

As inferências de Halbwachs (1990) foram ampliadas e aprofundadas por outros autores que também se dedicaram à pesquisa da memória. O historiador Pierre Nora (1993, p.13), por exemplo, ampliou os elementos presentes na memória coletiva para incluir “museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações.” Ele explicou que as memórias coletivas da sociedade também se encontravam nesses lugares, que ele chamou de “lieux de mémoire” ou “lugares de memória”.

Jacques Le Goff (2003), outro importante estudioso nesse campo, apresentou uma análise histórica da memória coletiva em diferentes culturas e sociedades ao longo do tempo. Ele a definiu “não apenas como um instrumento de conquista, mas também como um objeto de poder” (2003, p. 409), argumentando que, com a memória coletiva, os grupos sociais poderiam

Erika **HERNÁNDEZ** · André **BONSANTO**

exercer poder ou também encontrar emancipação. Assim, Neiger, Meyers e Zandberg (2011) compilaram cinco características da memória coletiva que reafirmam a relação que existe entre o indivíduo e a comunidade. A memória coletiva é: (1) um construto sociopolítico, muitas vezes uma seleção para ser lembrada por uma determinada coletividade; (2) um processo contínuo e multidirecional, ou seja, é compartilhada ao longo do tempo; (3) é funcional, sempre tem um propósito; (4) deve ser concretizada, por meio de estruturas físicas e/ou artefatos culturais; (5) e é eminentemente narrativa, transmitido de uma geração para a outra

Essas cinco características podem servir para reforçar a relação intrínseca entre jornalismo e memória. Pois, como Halbwachs (1990) mencionou anteriormente, a memória é uma reconstrução, não uma repetição exata de eventos passados (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 289). E esse processo de (re)construção requer um terreno no qual os diferentes agentes possam construir suas “versões do passado”. A mídia de massa, tendo o jornalismo como um de seus representantes pode ser encarado, neste sentido, como um local privilegiado para essa construção se manifestar (Neiger; Meyers; Zandberg, 2011, p. 6), conforme veremos a seguir.

Jornalismo, memória e temporalidade

Virou certo lugar comum atribuir ao jornalismo – enquanto agente, instituição, prática e discurso – um reconhecido “lugar” de memória em nossa sociedade. De acordo com o conceito já exposto de Nora (1993), os “lugares de memória” são “antes de tudo, restos”, espaços de recordação que nos auxiliam a (re)lembrar o passado. Esses lugares podem ser físicos, como museus, arquivos, cemitérios, ou também abstratos, como festivais, tratados, aniversários, tradições, um silêncio [...] (Nora, 1993, p. 12-13). Embora Nora (1993) não mencione explicitamente as mídias ou o jornalismo em seu

O jornalismo na construção e ressignificação da memória: uma análise a partir do Prêmio Gabo (2023) da Fundação Gabriel García Márquez

trabalho, pode-se argumentar que estes também se configuram como um lugar de memória, devido ao seu papel funcional na “cristalização e transmissão de memórias”; seu nível material, disponível em bibliotecas e bancos de dados; e seu nível simbólico, na forma como são percebidos e interpretados pela sociedade (Maduell., 2015, p. 34).

Por outro lado, algumas visões divergentes, como a de Barbosa (2016, p. 11), sugerem que a aplicação do conceito de “lugar de memória” aos meios de comunicação pode ser problemática. Isso porque vários conteúdos jornalísticos são articulados e arbitrados com base em eventos atuais, se “utilizando” de determinado passado visando sempre objetivos futuros. Por isso, Barbosa (2016) considerou que a mídia ocupa um lugar na história e não na memória, uma vez que as narrativas jornalísticas cotidianas são construídas por meio de um processo de seleção entre lembranças e esquecimentos produzindo, assim, uma espécie de história do presente, que será considerada para o futuro como passado: “[...] o que a mídia faz é produzir uma memória presumivelmente válida e comum, inserindo-a na história e não na memória” (Barbosa, 2016, p. 14).

Não é em vão que Ribeiro expressou que “os jornais (mídia) são os diários da humanidade” (2000, p. 36), corroborando com o que Barbosa (2016) afirmou acima, mesmo porque muitas dessas narrativas jornalísticas podem ser consideradas fontes históricas. Para Ribeiro (2000), não se pode negar que o jornalismo tenha essa ancoragem factual, o que lhe confere a legitimidade de ser considerado um lugar da história. Isso porque partimos do pressuposto de que o jornalismo, em tese, não costuma distorcer ou mentir em relação a fatos concretos, pois fatos e acontecimentos não são inventados, eles têm uma “realidade palpável” que pode ser corroborada pela comparação com outros jornais, embora “construam universos diferentes de compreensão” (Ribeiro, 2000, p. 25).

Erika **HERNÁNDEZ** · André **BONSANTO**

Em outras palavras, o jornalismo pode contribuir para a construção da memória ao fornecer registros históricos. No entanto, como os autores lembraram, esses fatos (assim como a memória) são sempre construídos, sendo uma representação do passado no presente: “a memória é como uma espécie de filme fotográfico, exposto (supomos) por um amador e revelado por uma pessoa inexperiente e, portanto, manchado por arranhões e valores de luz imprecisos” (Garde-Hansen, 2011, p. 15).

Assim sendo, os jornalistas foram historicamente reconhecidos pela capacidade de selecionar que temas serão pautados/lembrados e quais, por sua vez, deverão ser esquecidos, o que garantiu a eles um certo tipo de poder. Como “senhores da memória” (Barbosa, 2004) atribuiu-se ao jornalismo, portanto, um papel de construtor de memórias do passado no presente. Um exemplo disso pode ser visto nas narrativas comemorativas, em que a mídia reprisa um passado memorial, revivendo-o no presente por meio de “um jogo narrativo que inclui não apenas o presente, mas, sobretudo, o futuro” (Barbosa, 2004, p. 15).

Alguns autores se referem a essa temporalidade de trazer o passado para o presente como “Memória Invertida” ou “Memória Inversa”. Os pesquisadores Neiger, Zandberg e Meyers (2011) exploraram esse conceito ao analisar como vários artigos de jornais israelenses trabalharam com a memória coletiva, evocando constantemente o passado-presente como um desejo de futuro. Por exemplo, no “Dia da Lembrança do Holocausto” em Israel, o jornal Haaretz publicou um artigo de opinião provocativo, intitulado “Celebre o Dia do Holocausto”, argumentando que este deveria ser um dia de alegria, porque dezenas de milhares de pessoas sobreviveram e voltaram à vida, desviando a atenção dos leitores da “dor desse passado traumático para um presente vitorioso (Neiger; Zandberg; Meyers, 2011, p. 113).

No entanto, o passado não é usado apenas na cobertura comemorativa, mas também no jornalismo cotidiano, como argumentou Michael Schudson

O jornalismo na construção e ressignificação da memória: uma análise a partir do Prêmio Gabo (2023) da Fundação Gabriel García Márquez (2014), que pensou essa articulação a partir do que definiu como os “guardiões da memória não comemorativa”. Segundo o autor, o passado também pode ser visto na contextualização das notícias, na criação de manchetes destinadas a se tornarem marcos históricos e na documentação de momentos dramáticos da vida humana (Schudson, 2014). Os trabalhos submetidos ao Prêmio Gabo 2023, concedido pela Fundação Gabriel García Márquez, transcendem a cobertura de comemorações; são reportagens que se aprofundam em momentos históricos específicos, nos quais o jornalismo assume um papel importante para sua construção e ressignificação.

Construção e ressignificação da memória: Prêmio Gabo 2023

Para problematizar de forma mais precisa o papel do jornalismo como instrumento de construção e ressignificação da memória tomaremos como exemplo três reportagens do Prêmio Gabo 2023 (duas vencedoras e uma finalista), concebido pela Fundação Gabriel García Márquez (Gabo) na Colômbia. A Fundação Gabo é uma reconhecida instituição do jornalismo ibero-americano que incentiva jornalistas, por meio de seus prêmios e bolsas de financiamento, a continuar trabalhando por um jornalismo de qualidade, por meio de investigações plurais, críticas e de profundidade. Além disso, dá reconhecimento a trabalhos de profissionais que atuam, em seu cotidiano, sob condições de censura e/ou consideradas de alto risco, muito perceptíveis em realidades como a latino-americana (Serrano, 2016).

O Prêmio Gabo é realizado como parte do “Festival Gabo” na Colômbia, que concede anualmente prêmios nas categorias de Texto, Cobertura, Imagem, Fotografia e Áudio. Desde a sua criação, em 2013, o prêmio recebeu 13.755 candidaturas e premiou mais de 60 vencedores de 34 países. Na edição de 2021, por exemplo, 25% do total de indicações vieram de jornalistas

Erika **HERNÁNDEZ** · André **BONSANTO**

vinculados a meios transnacionais, enquanto 75% corresponderam a meios nacionais, regionais e locais, dando assim mais visibilidade e relevância a meios considerados alternativos, a partir da divulgação de seus trabalhos (Fundación Gabo, 2023).

Em 2023, 1.943 postulações foram enviadas para o Prêmio Gabo, das quais cinco foram vencedoras, dentre elas obras da Espanha, do Brasil, Colômbia, Chile e Peru. A cerimônia de premiação foi realizada em 30 de junho de 2023 no Teatro Colón, em Bogotá. Nas histórias vencedoras do Prêmio aqui apresentadas, poderemos ver como o próprio jornalismo está imerso na memória, e como muitas dessas reportagens trabalham com a memória de seus protagonistas. Memórias que por muito tempo foram ocultadas e/ou silenciadas, tendo o jornalismo um papel importante no seu papel de elaboração, para construí-las e ressignificá-las para a posteridade.

Primeiro, vamos apresentar o trabalho de Santi Donaire, vencedor da categoria Fotografia, publicadas na reportagem para a National Geographic intitulada “A Lei da Memória Democrática reparará os danos do regime de Franco?” e escrita por Jordan Salama. O trabalho é uma mistura de texto e imagem, e é o resultado de seis anos de documentação fotográfica de famílias que perderam parentes durante a ditadura militar de Francisco Franco, na Espanha, entre 1939 e 1975, onde “mais de 114.000 pessoas morreram ou estão desaparecidas, uma ferida que ainda permanece aberta” (Salama, 2022).

O texto começa contando a história de Rosa, uma senhora de 90 anos que se lembra de quando o fascismo levou seu pai em 1939, quando ela tinha 15 anos de idade. Depois que seu pai foi executado, ela passou o resto de sua vida procurando seus restos mortais até falecer recentemente, no ano de 2022. A reportagem parece oferecer, neste sentido, “uma conexão entre o passado e o presente e, ao mesmo tempo, busca a memória como um elo ou conexão entre o indivíduo e o coletivo.” (Hoskins, 2018, p. 10).

O jornalismo na construção e ressignificação da memória: uma análise a partir do Prêmio Gabo (2023) da Fundação Gabriel García Márquez

Desta forma, o texto evoca as memórias individuais e coletivas de Rosa ao relembrar a detenção de seu pai pelo regime fascista. À medida que a história se desenrola, ela se aprofunda nas memórias de outros membros da família que perderam entes queridos, enterrados em valas comuns e ainda desaparecidos. Essas histórias refletem a violação dos direitos humanos em conjunto e mostram como essas memórias individuais se entrelaçam com as memórias coletivas da ditadura fascista na Espanha, formando uma conexão de memórias compartilhadas por aqueles que viveram o terror e aqueles que leram ou analisaram as fotos da reportagem. Em outras palavras, o texto trabalha com a memória passada das pessoas que foram fotografadas e entrevistadas, reconstruindo essas memórias para o presente e tornando-as historicamente relevantes para o futuro, como argumenta Ribeiro:

O jornalismo exerce um papel crucial na produção de uma ideia de história, não só porque indica aqueles que, dentre todos os fatos da realidade, devem ser memoráveis no futuro (ou seja, aqueles que teriam relevância histórica), mas também porque se constrói ele mesmo em um dos principais registros “objetivos” do seu tempo. (Ribeiro, 2000, p. 35).

A reportagem apresenta uma galeria de fotografias – vencedoras do Prêmio - que mostram várias cenas em que as feridas do regime fascista permanecem abertas: como idosos segurando fotos de seus pais desaparecidos; uma família se abraçando ao saber que um juiz de Valência investigará uma vala comum na área; outra família marchando para um cemitério para enterrar novamente um parente cujos restos mortais foram recentemente exumados de uma vala comum que remonta a oito décadas; crânios, ossos de pessoas assassinadas, idosos no cemitério, pertences pessoais das vítimas e outras fotografias, todas elas em preto e branco (Salama, 2022).

Erika **HERNÁNDEZ** • André **BONSANTO**

Figura 1 - Rosa Coscollá, falecida em 2021, segura uma fotografia de seu pai, assassinado pela ditadura de Franco em 1940.



Fonte: Santi Donaire (Salama, 2022).

Figura 2 - Laura Martín abraça seus parentes em 2017, depois de saber que um tribunal de Valência investigaria uma vala comum na área.



Fonte: Santi Donaire (Salama, 2022).

Figura 3- Família se reúne em um cemitério nos arredores de Valência, em julho de 2021, para enterrar novamente um parente cujos restos mortais foram recentemente exumados.



Fonte: Santi Donaire (Salama, 2022).

Figura 4 - Iker García Muñoz, 14 anos, segura uma fotografia de seu tataravô, cuja família acredita que ele tenha sido enterrado em uma vala comum.



Fonte: Santi Donaire (Salama, 2022).

Erika **HERNÁNDEZ** · André **BONSANTO**

De acordo com Hoskins (2018), as fotografias têm a capacidade de evocar experiências compartilhadas do passado, ativando assim a memória coletiva. Além disso, essas imagens podem ter a capacidade de criar e ressignificar novas memórias, desencadeando novas conexões emocionais com os eventos históricos. Este é o caso de uma das fotografias (fig. 4), onde um jovem é retratado mostrando a foto de seu tataravô. Hariman e Lucaites (2014) argumentam que, neste sentido, o fotojornalismo pode desempenhar um papel crucial na formação de narrativas históricas. Situação paradigmática ocorreu, por exemplo, na última ditadura argentina: dada a escassez de imagens produzidas durante a época do regime militar, as imagens que vieram depois, por meio da televisão, do cinema e de outras mídias, se tornaram mais importantes porque serviram “para combater a evasão e o esquecimento” (Huysen, 2009, p. 20-21).

A segunda matéria, intitulada “O clamor por justiça e reparação para mulheres afrodescendentes sexualmente violentadas” ganhou o Prêmio Gabo 2023 na categoria de Reportagem Escrita. O trabalho, escrito por Beatriz Valdés Correa, conta as histórias de várias mulheres afro-colombianas separadas de suas famílias e agredidas sexualmente por membros de grupos guerrilheiros legais e ilegais (Correa, 2023).

A memória também desempenha um papel importante nessa reportagem, capturando em primeira mão as atrocidades sofridas pelas mulheres afro-colombianas no final da década de 1990 e no início do século XX. Os testemunhos presentes na reportagem, que coletou essas memórias pessoais e sociais ajudaram a quebrar o silêncio que existiu por muito tempo devido ao medo, à ridicularização ou à falta de apoio.

De acordo com “Aura”, uma das entrevistadas e sobreviventes, a violência paramilitar teve motivação racial, resultando em uma frequência maior de agressões a mulheres negras devido à cor de sua pele. Outras sobreviventes testemunharam que os militares as forçaram a tomar banho

O jornalismo na construção e ressignificação da memória: uma análise a partir do Prêmio Gabo (2023) da Fundação Gabriel García Márquez
excessivamente porque não gostavam do cheiro natural de seus corpos e que foram obrigadas a alisar seus cabelos cacheados, entre outras atrocidades racistas que tiveram de suportar (Correa, 2023).

A socióloga Elizabeth Jelin (2017, p. 227) associa os testemunhos das vítimas que viveram períodos de violência política e repressão à temporalidade do passado-presente-futuro. De acordo com a análise de Jelin, os depoimentos das vítimas são, em primeiro lugar, um relato do passado; em segundo lugar, de um presente transformado que ainda carrega feridas do passado (porque “Aura” não sorri mais, de acordo com o relato); e, em terceiro lugar, de uma visão do futuro: a busca por justiça e reparação.

Além disso, as memórias compartilhadas nesta reportagem também servem como uma marca de identificação para mulheres e mulheres afro, e para grande parte da população que também viveu essas atrocidades. A maioria delas se juntou a um grupo chamado “Coordenação de Mulheres Afro-Colombianas Deslocadas em Resistência” (La Comadre), que documentou 450 casos de violência sexual que levaram ao deslocamento das vítimas e agora está apresentando propostas de reparação ao governo (Correa, 2023).

Mais uma vez, observa-se que o jornalismo, ao coletar essas memórias pessoais - segundo Halbwachs (1990), como já mencionado, elas são formadas e construídas em relação a um grupo -, e enquadrá-las em uma memória coletiva mais global - tornando-as uma unidade “insolúvel”, uma mesma história, segundo Jelin (2017) -, está reconstruindo a preservação dessa memória coletiva das mulheres afro e da comunidade comum, memórias que provavelmente estavam sendo esquecidas, marginalizadas pelas elites ou por outras memórias dominantes.

Há outra reportagem, enviada para o Prêmio Gabo, que, embora não tenha ganhado o prêmio principal, foi finalista. Trata-se de um podcast da *Radio Ambulante* intitulado: “Super-Homem no Chile” O episódio conta a história de um grupo de 78 atores, atrizes e dramaturgos que, em plena

Erika **HERNÁNDEZ** · André **BONSANTO**

ditadura chilena, foram ameaçados de morte: se não deixassem o país em um mês, seriam mortos (Radio Ambulante, 2022).

Apesar dessa sentença, eles decidiram resistir e ficar, “queriam dar o exemplo a um país que precisava abandonar o medo para ser livre” (Radio Ambulante, 2022). E, para isso, elaboraram um plano muito arriscado: esperar a noite do ultimato todos juntos, em um ato público, arriscando suas vidas com a chegada de um convidado secreto, o maior super-herói do mundo: o Super-Homem.

Sim, era o “verdadeiro” Super-Homem dos filmes de Hollywood: Christopher Reeve, que, em plena ditadura de Pinochet, decidiu se arriscar a viajar ao Chile para apoiar seus companheiros em 30 de novembro de 1987. “Um astro de Hollywood que pega um avião para um país sobre o qual não sabe nada porque alguns companheiros desesperados lhe pediram ajuda” (Radio Ambulante, 2022).

A reportagem gira em torno da memória coletiva dos protagonistas que, pela primeira vez, revelam sua história não contada de resistência, que há muito havia sido esquecida. A reportagem desenterra essas histórias, dando voz aos protagonistas por meio de depoimentos que formam a memória coletiva (Schmidt; Mahfoud, 1993), memórias que estavam quase perdidas e que agora poderão ser preservadas para as novas gerações (Ribeiro, 2000).

A narrativa emprega um jogo de temporalidades, começando com o final - um homem contando no presente uma memória crucial da infância. Ele se lembra do aviso de seu pai para que mantivesse a visita do Super-Homem em segredo devido ao envolvimento de seu pai como um dos 78 atores ameaçados durante a ditadura chilena.

À medida que a história se desenrola, os depoimentos dos protagonistas o levam de volta à época da ditadura, 1987, onde tudo começou. Por meio desses depoimentos, os jornalistas fazem uso da estratégia da memória coletiva (Berkowitz, 2011), trazendo um sentido do passado que eles atualizam

O jornalismo na construção e ressignificação da memória: uma análise a partir do Prêmio Gabo (2023) da Fundação Gabriel García Márquez e constroem no presente (Jelin, 2017). Os protagonistas da história narram suas experiências (passado-presente), a partir do momento em que recebem a carta ameaçadora até a chegada do Super-Homem ao Chile, lembrando algumas palavras memoráveis que quebraram a normalidade de suas vidas.

Desde as camisetas usadas pelos artistas que diziam: "Shoot me first" (Atire em mim primeiro), quando o Super-Homem entrou no palco, ao medo sentido pelo público, todos esses elementos foram narrados pelos protagonistas. Essas memórias construídas pela reportagem se utilizaram de artifícios para comover as pessoas, como se estas fossem transportadas por uma "máquina do tempo" para as cenas da ditadura chilena. Mesmo que as próprias memórias das testemunhas estejam sujeitas a imprecisões, esse tipo de cobertura continua relevante porque abriu uma "caixa de Pandora", revelando informações cruciais para que as gerações futuras não se esqueçam de acontecimentos importantes da história recente de seu país (Kaiser, 2014, p. 251).

Considerações finais

Sem dúvida, a relação entre jornalismo e memória é complexa, mas não se pode negar que elas estão intimamente ligadas. O trabalho do jornalista é estritamente mnemônico, desde o momento em que faz sua programação diária para buscar notícias na rua, fazer entrevistas, escrever e falar "ao vivo" - tudo envolve memória, lembrando de alguns fatos e esquecendo de outros, seja voluntária ou involuntariamente.

O tema "mídia e memória" é extenso, englobando não apenas a memória, mas também a cultura, a identidade e a história. O jornalismo e a mídia desempenham um papel essencial na construção das memórias coletivas de eventos culturais, históricos e sociais em todo o mundo. Esses registros

Erika **HERNÁNDEZ** · André **BONSANTO**

podem servir de base para outros relatos históricos, sendo que hoje muitos eventos são arquivados ou armazenados na Internet. Além disso, o jornalismo ajuda a tornar mais visíveis os setores marginalizados e discriminados, dando voz àqueles que antes não eram ouvidos e cujas memórias estavam em risco de serem apagadas.

A história do “Super-Homem no Chile”, por exemplo, nos fez lembrar de um evento recente com o atual presidente do Chile, Gabriel Boric. Durante um dos discursos, enquanto ele se dirigia ao público, um menino vestido de Super-Homem apareceu de repente em uma bicicleta, brincando em círculos ao redor do presidente. A cena foi registrada em vídeo e gerou milhares de visualizações no Twitter. Mensagens como “Segurança rigorosa fornecida por um super-herói” inundaram as redes sociais ⁵. Depois de ouvirmos o podcast da Radio Ambulante, esse momento do discurso de Boric ficou associado ao ato heroico de Christopher Reeve.

Mas o papel das narrativas jornalísticas não está apenas em produzir memória. Embora o jornalismo a construa, é importante reconhecer que essa memória é uma reconstrução seletiva do passado. Jelin (2017) enfatizou que o passado é um objeto de disputa, em que os atores expressam, silenciam e ocultam memórias para construir uma narrativa no presente.

Esse poder da mídia pode ser tanto positivo quanto negativo. Negativamente, quando não há ética e profissionalismo, a memória pode ser manipulada para atender a interesses pessoais ou comerciais, influenciando a forma como as sociedades percebem e lembram os eventos. No entanto, o lado positivo é que, quando a mídia age de forma responsável e equilibrada nas suas reportagens, ela pode retratar de maneira comprometida a história e

⁵ Para mais sobre a notícia, consultar: <https://www.news18.com/news/buzz/watch-chile-president-gives-speech-while-kid-dressed-as-superman-cycles-around-him-5915005.html>
Acesso em: 10 jul 2023.

O jornalismo na construção e ressignificação da memória: uma análise a partir do Prêmio Gabo (2023) da Fundação Gabriel García Márquez as memórias das sociedades, além de ajudar a fazer reparações e a fazer justiça em alguns casos.

A Fundação Gabriel García Márquez é uma instituição sem fins lucrativos que promove eventos para fomentar um jornalismo mais humano e inclusivo. As reportagens exemplificadas demonstram como as memórias relacionadas a crimes contra a humanidade estavam deixadas no esquecimento, sem que ninguém ouvisse essas histórias e com pouco interesse dos governos em buscar reparação. O jornalismo pode ser um ator importante na construção e ressignificação destas memórias, e de nossa compreensão do passado em um presente que se projeta ao futuro.

Referências

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, “senhores da memória”? **Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - INTERCOM. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? **Revista Contracampo**, v. 35, n. 1, 2016.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERKOWITZ, Dan. Telling the Unknown through the Familiar: Collective Memory as Journalistic Device in a Changing Media Environment. In: NEIGER, Motti; MEYERS, Oren; ZANDBERG, Eyal (Ed.). **On media memory**: Collective memory in a new media age. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

CORREA, Beatriz Valdés. **El grito por justicia y reparación de las mujeres afro violentadas sexualmente**. *El Espectador*, 16 fev 2023. Disponível em: <<https://www.elespectador.com/colombia-20/conflicto/las-afro-violentadas-sexualmente-exigen-justicia-fiscal-y-reparacion/>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

FUNDACIÓN GABO. **Fundación Gabo anunció a los ganadores del Premio Gabo 2023**. Disponível em: <<https://premioggm.org/noticias/2023/06/fundacion-gabo-anuncio-a-los-ganadores-del-premio-gabo-2023/>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

GARDE-HANSEN, Joanne. **Media and memory**. Edinburgh: Edinburgh

Erika **HERNÁNDEZ** · André **BONSANTO**

University Press, 2011.

HARIMAN, Robert; LUCAITES, John Louis. Hands and feet: Photojournalism, the fragmented body politic and collective memory. In: ZELIZER, Barbie; TENENBOIM-WEINBLATT, Keren (Ed.). **Journalism and memory**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HOSKINS, Andrew (Ed.). **Digital memory studies**: Media pasts in transition. New York: Routledge, 2018.

HUYSEN, Andreas. Medios y Memoria. In: GAMARNIK, Cora; FELD, Claudia; MOR, Jessica Stites (compiladoras). **El pasado que miramos**: Memoria e imagen ante la Historia reciente. Buenos Aires: Paidós, 2009.

JELIN, Elizabeth. **La lucha por el pasado**: cómo construimos la memoria social. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.

KAISER, Susana. Argentinean Torturers on Trial: How Are Journalists Covering the Hearings' Memory Work? In: ZELIZER, Barbie; TENENBOIM-WEINBLATT, Keren (Ed.). **Journalism and memory**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

LE GOFF, Jacques et al. **História e memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003

MADUELL, Itala. O jornal como lugar de memória: reflexões sobre a memória social na prática jornalística. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 4, n. 1, 2015.

NEIGER, Motti; MEYERS, Oren; ZANDBERG, Eyal (Ed.). **On media memory**: Collective memory in a new media age. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, nº 20. São Paulo: Educ, 1993.

OLICK, Jeffrey K. Reflections on the Underdeveloped Relations between Journalism and Memory Studies. In: ZELIZER, Barbie; TENENBOIM-WEINBLATT, Keren (Ed.). **Journalism and memory**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

RADIO AMBULANTE. **Superman en Chile**: Christopher Reeve desafia a la dictadura, 2022. Disponível em: <<https://radioambulante.org/audio/superman-en-chile>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

O jornalismo na construção e ressignificação da memória: uma análise a partir do Prêmio Gabo (2023) da Fundação Gabriel García Márquez

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história. **Lugar Comum** (UFRJ), n.11, p. 25-44, 2000.

SALAMA, Jordan. ¿Conseguirá la Ley de Memoria Democrática reparar los daños del Franquismo?. **National Geographic**, 27 jul 2022. Disponível em: <<https://www.nationalgeographic.es/historia/2022/07/conseguira-la-ley-de-memoria-democratica-reparar-los-danos-del-franquismo>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia Usp**, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993.

SCHUDSON, Michael. Journalism as a Vehicle of non-commemorative cultural memory. In: ZELIZER, Barbie; TENENBOIM-WEINBLATT, Keren (Ed.). **Journalism and memory**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

SERRANO, C. Medellín celebra las mejores historias de Iberoamérica. Premio y Festival Gabriel García Márquez de Periodismo. **Comunicación**, s. l., n. 34, p. 111–116, 2016.

TENENBOIM-WEINBLATT, Keren. Journalism as an Agent of Prospective Memory. In: NEIGER, Motti; MEYERS, Oren; ZANDBERG, Eyal (Ed.). **On media memory: Collective memory in a new media age**. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

ZELIZER, Barbie; TENENBOIM-WEINBLATT, Keren (Ed.). **Journalism and memory**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

